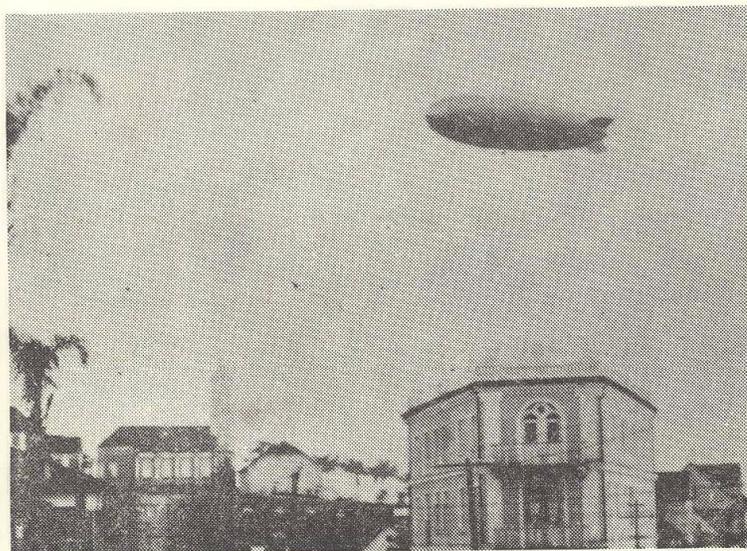




NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO IV

Nº. 14

EDIÇÃO DA

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de Agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

C. G. C. 82723 933/0001

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal, 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE — ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob nº 02 no Livro de Registros de Pessoas
Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DIREÇÃO: AYRES GEVAERD

Composta e impressa nas Oficinas da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Ano IV

Abril, Maio e Junho de 1980

Nº 14

Sumário

	Página
Ayres Gevaerd OURO NO VALE DO RIO ITAJAI-MIRIM	26
TRADUÇÃO DE UM DOCUMENTO EXISTENTE NO ARQUIVO DA SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE, DO ANO DE 1855	30
Pastor Werner Brunken HISTÓRICO DA COMUNIDADE EVANGÉLICA DE BRUSQUE	35
Ayres Gevaerd "JOGO DO BICHO"	44
Ayres Gevaerd UM HÁBITO ORIGINAL	47
RELATÓRIO DOS PREPARATIVOS E DAS FESTAS COMEMORA- TIVAS DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DE BRUSQUE	48
DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO BARÃO MAXIMILIANO DE SCHNEEBURG	51

CAPA — Concepção e gentileza de Wolfgang L. Rau

Clichê — O dirigível "Hindenburg" sobrevoando Brusque na manhã do dia 1 de dezembro de 1936.

OURO NO VALE DO RIO ITAJAÍ-MIRIM

AYRES GEVAERD.

Segundo nos conta o jornal "Novidades" — Itajaí, edição de 2 de outubro de 1910 — remonta a 1651 a notícia da existência de ouro nas cabeceiras do rio Itajaí.

Naquele ano, nas imediações de Taió, estava a mineirar ouro, Salvador Pires, filho de Francisco Dias Velho Monteiro, fundador da vila de Desterro, quando recebeu notícias de que a povoação fundada por seu pai havia sido atacada por piratas e que o mesmo morrera.

Com relação a ocorrências de ouro no rio Itajaí-Mirim, o mais antigo relato que se conhece, é de 1727. O sargento mor de Carollana Francisco de Souza Faria, encarregado da abertura de um caminho que devia ligar Laguna a Curitiba, iniciado em fevereiro daquele ano, partindo dos Conventos e subindo a Serra do Mar, em carta que dirigiu ao P. Mestre Diogo Soares faz referência às ricas minas de Taió. Em um trecho de sua carta refere-se ao nosso rio: "... pelo pé da Serra Negra corre um ribeirão que vai buscar as cabeceiras do dito morro Taió, o qual morro é baixo, redondo e agudo com sua campina ao pé e tem este feitio. Tem também sua campina da banda norte e da banda do sul mato grosso carrasquenho, pelo pé deste morro podem buscar ouro; quando não se queiram alongar para os matos do mar, não seja pela parte do sul, seja pela parte do nordeste que daí manam as cabeceiras todas do Itajaí Mirim que não poderão deixar de achar ouro".

Outra notícia também publicada pelo referido jornal em 27 de fevereiro de 1910, é de extraordinária importância para pesquisadores e historiadores, porque esclarece as razões de uma denominação e permite considerações com relação à presença de ingleses na Colônia Príncipe Dom Pedro e de dois dos nossos precursores, "Vicente Só" e Francisco Sallenthien.

Conta aquele jornal que há uns 70 anos atrás, pelos começos de 1840, três irmãos vindos dos Estados Unidos, Roberto, Augusto e Leweson Leslie, penetraram rio acima a procura de ouro. Depois de muito pesquisar instalaram-se às margens de um ribeirão, afluente do Itajaí Mirim e o resultado, segundo declararam, tempos depois, havia sido compensador. A existência de ouro era então uma realidade e a boa nova, como não podia deixar de acontecer, aos poucos, espalhou-se. Anos depois, quando colonos foram estabelecer-se naquela região deram o nome ao afluente de nosso rio de "Ribeirão do Ouro".

Dos três mineiros dois voltaram para os Estados Unidos e o terceiro, Leweson, ficou em Itajaí. Em 1909 faleceu com avançada idade, era abastado agricultor em Ilhota e conhecido popularmente por "seu Lessa".

As considerações que podem ser tiradas, são simples. Não restam dúvidas, em face da aventura dos três americanos, que ao regressarem, dois, aos Estados Unidos, a notícia da existência de ouro no Itajaí-Mirim teve repercussão. E a vinda, em grande número, de irlandeses, ingleses e norte americanos, a maioria "recolhidos" em Nova York, em 1867, para "Rodgers Road," na Colônia Príncipe Dom Pedro, tem coincidência. Documentos viriam comprovar os fatos e não são poucos os registros feitos.

As buscas, de Águas Claras rio Itajaí Mirim acima, deviam ter sido uma constante dos nossos aventureiros. Entretanto, a decepção deve ter-se apoderado dos garimpeiros, quando a realidade se apresentou: o Itajaí-Mirim não era absolutamente um segundo Alaska, tão pouco uma segunda Califórnia.

O ouro era de aluvião, cuja procura requer trabalho paciente. A descoberta de um filão ou jazida compensadora era uma questão de sorte, e, caprichosa como ela só, talvez tenha bafejado um reduzidíssimo número de pesquisadores.

O nosso lendário "Vicente Só", provavelmente foi outro minerador. Sua presença, segundo as crônicas, foi o gosto pela natureza e a beleza do local em que se acha a cidade de Brusque. Entretanto, como ninguém pode viver em eterno sonho, contemplando as belezas naturais, "Vicente Só" teria sido mais um garimpeiro cuja frustração só viria no fim de seus dias.

Francisco Sallenthien foi mais agressivo. Ao contrário de "Vicente Só", tinha recursos materiais e dotado de cultura geral, o que demonstra em suas cartas. Veio da Alemanha, por volta de 1852-3 e em 1854 residia em Itajaí. Foi proprietário de grande extensão de terras no local da futura sede de Brusque, que em 1863 vendeu a Pedro José Werner, cuja área era de 750 braças de frente para o rio Itajaí-Mirim com 3.000 braças de fundos. Foi amigo de Paul Kelner um dos precursores no vale do Itajaí-Mirim e, como este, dono de engenho de serrar madeiras. Relata, em carta de 28 de março de 1856, a fundação de uma Sociedade para exploração de ouro cuja existência era segura, mas que requeria muito trabalho. O diretor era um Californiano que afirmava ter qualidade e quantidade iguais à da Califórnia! Expressa na carta o seu entusiasmo e a esperança de um resultado plenamente satisfatório. Não se encontram outras notícias a respeito e, considerando a venda de sua propriedade a Pedro J. Werner, a empresa fracassara.

Pedro José Werner costumava contar a seus filhos e netos as atividades de um inglês, muito seu amigo, que exportava madeiras adquiridas de serrarias existentes na região. Certo dia, ao inquiri-lo porque não comprava madeiras de seu engenho, o inglês contou-lhe, confidencialmente, que sua permanência na Colônia não era propriamente esse o comércio. Seu objetivo era o ouro, que sabia em grande e boa qualidade. A compra e venda de madeiras servia para encobrir suas verdadeiras intenções. Contou-lhe ainda que teve conhecimento

de jazidas de ouro no Itajaí Mirim ao ler um livro em uma biblioteca em Paris. Esse livro relatava o naufrágio de um navio holandês ocorrido nas imediações de Itajaí. Um náufrago, autor do relato, afirmou que enquanto aguardava com seus companheiros a vinda de outro navio, subiu de canoa, com mais dois amigos, o rio, e em determinado lugar encontrara ouro.

Raros são os Relatórios das administrações coloniais com anotações relacionadas a ocorrências de ouro no Itajaí-Mirim, exceção feita a documentos da Colonia Príncipe Dom Pedro.

A procura, entretanto, foi constante, ininterrupta. Nossos avós contavam "casos" de pessoas que tentaram fortuna procurando o precioso metal, aqui, em nossa região. E ele existe, não há dúvida. A começar do ribeirão do Curtume, no Grosser Fluss, até às cabeceiras do Itajaí-Mirim. A ocorrência maior sempre foi nas confluências do nosso rio com os seus tributários Cristalina, Lajeado, Gabiroba, Porto Franco, Águas Negras e Ouro.

Aventureiros apareceram, como se viu, em todos os tempos. Apesar da presença desses estranhos, das proximidades de Casas de Pasto, de "Vendas" e de armazens que forneciam bebidas, não são conhecidas hostilidades que os moradores mostrassem aqueles, de brigas, tumultos ou mortes. O ambiente sempre foi o mais tranquilo possível.

Afirmar que as pesquisas eram contínuas. De 1900 a 1925 recolhi notas esparsas em alguns jornais, inclusive de Brusque, quando aqui apareceu o primeiro em 1912. Meu pai, que se estabeleceu com o comércio de jóias e relógios em 1910, desde o início comprou ouro ou trocava com mercadoria e não raras vezes a transação variava de 50 a 100 gramas. Na minha firma, sucessora de meu pai, esse comércio continua ainda hoje, porém raramente, com pessoas que trazem o ouro em pequenos vidros, variando entre 5 a 15 gramas.

Bom volume de pesquisas registrado e com resultados mais ou menos compensadores, aconteceu entre os anos 1932 a 1936. Depois, por volta de 1939 a 1945, pequenos grupos se organizaram além de garimpeiros isolados, verificando-se assim intensas buscas, fazendo com que desaparecesse a monotonia do cotidiano nas sedes de Porto Franco (hoje Botuverá) e Ribeirão do Ouro.

Trechos considerados auríferos foram devassados através de escavações nas margens e costões do rio e túneis foram feitos com maior e menor profundidade.

Naqueles anos o Banco do Brasil comprava o ouro por intermédio de correspondentes devidamente autorizados. Estes reuniam o ouro que era fundido para formar barras de 200 a 500 gramas.

Verdadeira febre apoderou-se de muitas pessoas e famílias residentes nas proximidades do garimpo, muitas das quais, inteiras, crianças, mulheres e homens abandonavam suas atividades domésticas e se dedicavam a procurar ouro.

O processo de pesquisa era o mais rudimentar e somente dois

ou três grupos possuíam ferramentas apropriadas inclusive, um deles, um escafandro. O material, barro e areia, era colhido nas margens do rio, nos costões e no próprio leito. Enquanto uns coletavam esse material para ser pesquisado juntando-o em determinado lugar, previamente preparado, outros faziam a lavação que consistia no seguinte: uma táboa grossa de aproximadamente 1 metro de comprimento com 40 a 50 centímetros de largura com fendas talhadas em horizontal, igual à táboa de lavar roupa, era colocada no fim de um pequeno canal feito na praia.

O material era devidamente lavado e no fundo dos sulcos talhados firmavam-se as pepitas. Os escafandristas recolhiam material nos lugares mais difíceis e inacessíveis pela profundidade do rio.

O processo entretanto, era doentio, pois a maioria das pessoas não dispunha de proteção necessária. A malária também se manifestou, verificando-se inclusive mortes, por falta de tratamento médico adequado, principalmente no Ribeirão do Ouro. Retraíram-se os garimpeiros pois muito poucos tinham condições de enfrentar a moléstia, havendo inclusive dispersão total das pessoas vindas de fora.

O abandono das lides auríferas processou-se lentamente. Felizmente, para aquela região como também para todo o município, por volta de 1946 e com maior incremento em 1949, a plantação de fumo coordenada inteligentemente pela Cia. de Cigarros Souza Cruz, trouxe novas e boas perspectivas econômicas.

Realidade que em nossos dias é confirmada pelas grandes plantações que se estendem pelo Vale do Itajai-Mirim, mormete em Águas Negras, Botuverá e Ribeirão do Ouro.

O ouro, cuja procura deixou vestígios e lembranças, às vezes bem amargas a muitos moradores daqueles lugares, só voltará a "sacudir" com o Vale quando, um belo dia, alguém achar um veio mais ou menos rico, o bastante para despertar o que deve se achar latente em todo garimpeiro, profissional ou amador, riqueza fácil e duradoura.

Entretanto, em nossos dias, a verdadeira "corrida", situa-se sob outro aspecto, mais fecundo, mais constante e progressista: o aproveitamento das riquíssimas jazidas de calcáreo; da presença de tungstênio, vanádio, chumbo e prata, cujas pesquisas há já alguns anos vêm se incentivando por técnicos especializados e com resultados realmente promissores.

A CIMENVALLE S.A., indústria de cimento, empresa recém-fundada, é uma esperança, em vésperas de plena concretização.

Esta e outras empresas que certamente virão, influirão de forma definitiva na grandeza econômica de todo Vale do Itajai-Mirim.

Tradução de um documento existente no arquivo da Sociedade Amigos de Brusque, do ano de 1855

“Explicações referentes ao mapa das regiões desaguadas
pelos rios Itajaí-Açu e Itajaí Mirim”

O Itajaí-Açu é o rio maior na Província sul-brasileira de Santa Catarina, o único que, nascendo no planalto, atravessa a Serra Geral, uma cadeia de montanhas que separa dito planalto da zona costeira. O vale deste rio mede cerca de 11 milhas, desde a barra até ao pé da serra, sendo a largura da região desaguada de cerca de 6 milhas. Os principais afluentes são os seguintes: no lado direito o Itajaí Mirim, o Gaspar Grande, o Garcia, o Velha. No lado esquerdo encontra-se o Rio Luís Alves, o Belchior, o “Grande Itoupava”, o Rio do Testo e o Benedito com o Cedro. Navios com 12 pés de calado (sistema inglês) podem entrar na barra e subir o rio por algumas milhas. O rio pode ser navegado por navios costeiros de maior calado até o sítio Belchior e por barcos menores até a colônia de Blumenau. Distanto mais ou menos uma milha da colônia de Blumenau, rumo à nascente, encontra-se uma cachoeira de 30 a 35 pés de altura. Esta cachoeira é repartida em três braços por duas rochas grandes. Com sua largura de 800 a 1000 pés e o seu ambiente sempre verde, na calma do mato virgem, fornece uma vista majestosa e pitoresca. Para além da cachoeira o rio novamente é navegável por canoas maiores, tendo, porém, diversas correntezas fortes. O solo, nas primeiras três milhas desde a barra, consiste de barro leve, misturado com areia. Depois, desde a zona em que iniciam as colônias alemãs, o solo torna-se mais pesado, sendo que a fertilidade aumenta continuamente com a elevação progressiva do terreno. Toda a zona fluvial está naturalmente coberta por matas, cuja qualidade aumenta em conformidade com a qualidade do solo, sendo que nas terras mais férteis a madeira de lei é mais abundante e os pés são mais altos. A Repartição Imperial de Terras faz o seguinte juízo duma pequena colônia alemã, situada abaixo da colônia de Blumenau, no relatório referente ao ano em curso (A colônia chama-se “Itajaí” — pag. 25 do relatório.): “As terras são muito férteis e passam pelas melhores da Província”. O mesmo relatório diz, no trecho referente a Blumenau: “As terras são fertilíssimas, e como já foi dito em outra parte, passam por serem as melhores da Província”. Pastagem natural só existe nas margens do rio principal e de seus afluentes. Esta, porém, mesmo em áreas reduzidas, fornece grande quantidade de trato saudável e nutritivo. O terreno, de modo geral,

é montanhoso, mas também possui extensas vargens, atravessadas por numerosos ribeirões — principalmente na margem direita do rio.

O Itajaí-Mirim pode ser navegado na extensão de milha e meia por navios costeiros. Mais adiante, onde só pode ser usado por canoas e lanchas, por ser de pouca profundidade, ainda mantém seu curso calmo por algumas horas, dobrando-se em inúmeros meandros. Depois o seu curso torna-se mais reto, tendo uma correnteza bastante mais forte do que a do rio grande (Itajaí-Açu). Por este motivo não pode ser navegado com tanta facilidade nem por embarcações pequenas. Apesar disto o movimento neste rio é bastante forte. A indústria madeireira e também a criação de gado é mais importante do que na zona do Itajaí-Açu, principalmente, considerando-se a menor densidade da população. Na última parte do seu curso, as margens do Itajaí-Mirim são baixas, sendo os terrenos adjacentes planos e ocasionalmente sujeitos a inundações. Mais acima, porém, o terreno sobe consideravelmente, torna-se muito fértil e possui muitos pastos naturais ótimos. O clima é saudável e agradável. Em toda a zona fluvial só existem poucos trechos pantanosos, situados próximos à costa e que ocupam só pequena área. Por todo o verão a fresca brisa do mar se alterna ao meio dia com o vento que, vindo das serras do interior, refresca toda a região desde a madrugada. Os primeiros alemães radicaram-se no Itajaí-Açu, há 14 anos. Eles procederam da Colônia de São Pedro de Alcântara, a dois dias de distância. Um grupo de homens fortes desta localidade subiu o rio para obterem madeira de lei, a qual queriam serrar, transformando-a em táboas e vigas. Este trabalho naquele tempo era bastante lucrativo, por ainda não existirem serrarias mecânicas. Nesta ocasião atinaram com a fertilidade do solo e com a localização vantajosa dos terrenos. Requereram, pois, junto ao Presidente da Província, fossem-lhes doados terrenos nesta região e receberam 200 morgos por pessoa e 400 a 500 morgos por família. Na zona da concessão fundaram a pequena colônia "Itajaí". Em consequência de seu trabalho estes colonos progrediram em pouco tempo, atraindo mais famílias provenientes das mais diversas localidades, (dos quais alguns também se radicaram no Itajaí-Mirim, onde erigiram serrarias). Além disso construíram uma capela, na qual católicos e protestantes celebraram seus cultos em perfeita harmonia, havendo já uma vida social bastante desenvolvida, quando o Dr. Hermann Blumenau se radicou naquela localidade, com o propósito de levar avante uma imigração em maior escala e melhor organizada. Os primeiros colonos que, provenientes da Alemanha, lá se radicaram, foram encontrar conferrâneos experientes e conhecedores dos problemas da terra, dos quais recebiam a mais variada assistência e muitos bons conselhos. Assim o início da colônia de Blumenau foi bastante facilitado, por se ter fundido esta colônia nova com a já existente.

Nas proximidades da colônia de Blumenau moram, perto do Itajaí-Açu, 45 a 48 famílias alemãs e 60 famílias belgas. Na região de ambos os rios residem aproximadamente 2000 brasileiros e 26 negros

livres e mulatos de ambos os sexos, mais 81 escravos e 137 escravas, o que comporta em cerca de 450 famílias. No Itajaí-Mirim moram 12 famílias alemãs. Grande parte dos brasileiros mora na paróquia de Santíssimo Sacramento e no trecho compreendido entre o porto e a desembocadura do Itajaí-Mirim no Açú — 260 a 270 almas, em aproximadamente 60 casas. Na barra do Itajaí-Mirim está sendo fundada nova localidade pelo governo imperial, sob a direção do Dr. Hermann Blumenau. Já se construiu um grande abrigo, destinado a receber os imigrantes que na próxima primavera viajarão com os veleiros que, partindo de Hamburgo, se dirigirão diretamente a este lugar, onde os imigrantes encontrarão alojamento e alimentação gratuita.

Na paróquia junto ao porto moram os seguintes alemães: quatro negociantes, 1 hoteleiro, 1 pedreiro, 1 sapateiro, 2 marceneiros e 1 alfaiate. Ali se encontra a sede do padre católico da paróquia, do juiz de paz, do notário público e da chefatura de polícia local, a cuja disposição se encontram três milicianos. Além disso lá se encontram uma escola pública para meninas e outra para meninos.

A colônia de Blumenau com a maior parte de sua área (aproximadamente 12 léguas quadradas) está situada na margem direita do rio e estende-se dos rios Gaspar, Garcia e Velha em direção sudoeste. As duas "casas de recepção" (abrigos) dos colonos encontram-se na freguezia, perto da barra do ribeirão Garcia, onde também se radicaram a maior parte dos colonos que se dedicam à agricultura. A colônia possui um moinho de milho e frutos oleoginosos, o qual é movido a água; igualmente uma serraria, situada um pouco rio acima, com outra já projetada nesta região.

O porto do Itajaí só dispõe de seis navios de tamanho variável, mas é frequentado por navios que procedem de Desterro, Laguna, São Francisco e Rio de Janeiro. A partir do próximo ano o porto será visitado por um vapor que fará o trajeto entre Rio de Janeiro e Desterro, atracando em todos os portos de alguma importância, situados entre estas duas cidades. Os principais produtos de exportação são: planchões, táboas e madeira para construção no valor de 90 contos de réis (68000 Táleres), açúcar no valor de 85 Contos (68000 táleres), cachaça para 25 contos (20000 táleres). Além disso exportam-se feijão, batatas, milho, pequena quantidade de farinha de mandioca e apreciável quantidade de couros crus, por não existir cortume, por enquanto.

Estradas boas até há pouco tempo só existiam na zona costeira onde uma via de comunicação leva a São Francisco, rumo ao norte, prosseguindo dali à província de Paraná e ao planalto de Curitiba. Rumo ao sul esta estrada passa por Porto Belo e Tijucas, levando a Desterro. Dali prossegue à província do Rio Grande do Sul, ao porto de nome idêntico e à capital da Província, a cidade de Porto Alegre, mais à florescente colônia alemã de São Leopoldo e ao planalto de Lages. Ambas as estradas estão muito movimentadas. Da zona de Lages é transportado a maior parte do gado de corte que a Província con-

some, além de cavalos e mulas. Em compensação, o planalto importa da capital, Desterro, açúcar, cachaça, café, artigos manufaturados e sal. As estradas que margeiam os rios Itajai-Açu e Mirim no ano passado foram bastante melhoradas pelo governo provincial. Recentemente o governo do país concedeu ao Dr. Blumenau uma vultosa soma destinada a transformar a primeira em uma estrada real de boa qualidade. Para toda a população será de grande vantagem e importância que se prossiga com a construção desta estrada, acompanhando o leito do rio, até chegar ao planalto. Com a crescente população a se radicar rio acima a distância se torna cada vez menor. Os caminhos atuais que ligam o planalto à costa tanto na província de Santa Catarina como na província vizinha do Paraná têm subidas muito fortes e só permitem o transporte de mercadorias por cargueiros. Mas no vale do Itajai poderá e deverá ser feita uma estrada que permite o trânsito de carroças, sendo possível prever importante movimento de viaturas. Nos vales de ambos os rios a população radcada no curso superior é exclusivamente germânica, e cada colono, logo que conhecer bem as circunstâncias e o ambiente, reconhece a importância desta via de comunicação, cooperando na maneira do possível em sua realização. Com a ajuda do governo e do Dr. Hermann Blumenau, em poucos anos conseguiremos a realização deste projeto por todos almejado.

Os tipos de rocha existentes no Itajai-Açu são arenito vermelho e granito, encontrando-se no Itajai-Mirim Glimmerschiefer (ardósia de malacacheta). Existem minérios de ferro e de cobre. A mineração de cobre será bastante compensadora, quando a imigração aumentar, possibilitando maior disponibilidade de mão de obra. Carvão de pedra igualmente se encontra, mais para o sudoeste, próximo à Serra. Ouro granulado é encontrado principalmente em depósitos de areão de quartzo no Itajai-Mirim. Em tempos idos era bem desenvolvida a garimpagem, o que ainda demonstram os montes de areão lavado que lá existem. Nos últimos tempos esta atividade felizmente declinou. A caça dá bom resultado, dada a extensão das matas e o grande número de cursos de água existentes. Fornece antas, veados (um tipo de antílope), javalis, tatus, pacas, capivaras, "agutis" (as quais são muito parecidas à lebre alemã) e macacos de diversas qualidades. Aves há as seguintes: Jacus, por parte bem maiores do que galinhas, macucos, inhambus, "Joo" (?), urus (estes parecidos ao perdiz e também vivendo em "famílias") diversos papagaios e tucanos. Grande parte dos habitantes durante o inverno adquire a maior parte da carne que consome (que não é pouca, dado o costume de comer carne três vezes por dia) pela caça — seja de animais abatidos ou pegados em armadilhas. A pesca igualmente é rendosa e fornece muitas qualidades de peixes gostosos, entre os quais é o mais importante um peixe de rapina, a traíra, a qual alcança um peso de 16 a 18 libras. Outra espécie, o bagre — por natureza um peixe de mar — sobe o rio para a desova e pode ser pescado aos milhares, entre agosto e outubro.

Uma vista majestosa fornece o vale do Itajaí a partir das primeiras colônias alemãs. As margens altas do rio estão cobertas de inhame e bananeiras. Nas alturas encontram-se as casas simples mas espaçosas, ladeadas por engenhos, entre pés floridos ou carregados de frutas, seja de laranjas ou de melões (mamão!). Frequentemente caminhos cobertos por parreiras conduzem à horta. Plantações de café, de cana de açúcar, de batatas e de milho se alternam com pastagem nas quais pastam vacas, bois e cavalos sem que haja necessidade de pastor.

Todas estas casas, plantações e pastagens, porém, fornecem apenas bela moldura para o majestoso rio. Frequentemente a parte cultivada nem tem a largura do rio. Todo o resto, até o olhar alcançar, consiste de mato virgem, o qual, em sua calma majestosa, parece estar chamando por mãos trabalhadoras, para também ser transformado em lavouras pujantes.

R. Gaertner, cônsul do ducado de Braunschweig.

NOTA: Texto que acompanhou um mapa das bacias Itajaí-Açu e Mirim, exibido na Alemanha em 1855 por Reinhold Gaertner, sobrinho do Dr. Blumenau, por este mandado em missão de propaganda à sua pátria, com o intuito de interessar as massas emigratórias daquele país pela colônia de Blumenau, então ainda propriedade particular de seu fundador.

Reinhold Gaertner fez parte dos primeiros 17 imigrantes de Blumenau, figura no primeiro livro de matrícula dos imigrados da colônia de Blumenau, que abrange a época de 1850 a 1878.

Tradução feita pelo Pastor Lindolfo Weingaertner

Histórico da Comunidade Evangélica de Brusque

Pastor Werner Brunken

(Continuação do número anterior)

Sobre os serviços prestados à Comunidade de Itajaí decidiu-se que o Pastor realizará nove (9) cultos anuais, pelos quais serão pagos 500 mil réis à Comunidade de Brusque. No caso que um sepultamento tenha que ser realizado na Comunidade de Brusque no mesmo dia e horário de um culto em Itajaí, este será suspenso para que o Pastor possa atender o enterro.

O P. Richter, no relatório apresentado à Assembléia da Comunidade em janeiro de 1927, destacou algumas linhas básicas para a sua atividade na Comunidade. Disse ele: "Em nossa Comunidade foi construído bastante. Temos uma igreja bonita, uma boa casa pastoral, uma Escola e uma casa para o zelador. Mas não podemos parar. Nossa igreja precisa de um segundo sino, a fim de que soe mais completo. A rua que leva até à igreja precisa ser melhorada e cascalhada, a fim de que nos dias de chuva o ir à igreja não seja uma carga, mas um prazer. Desejamos também uma escada que vá da rua até em frente da igreja, pois nossa igreja ficaria mais apresentável. Não podemos realizar tudo num ano, mas alguma coisa já deveria ser feita neste ano. Desejo de coração que a nossa vida íntima continue a crescer. Como meu antecessor, também eu vejo no Culto de Pregação a principal parte de nossa vida comunitária, mas como ele, também eu quero continuar com os cultos cantados e musicais, com coros e instrumentos. Um dos nossos deveres mais importantes é a educação das crianças. Toda criança para ser confirmada, precisa ter freqüentado pelo menos três (3) anos a Escola. O trabalho em casa não pode ter mais importância do que a Escola. Precisamos conscientizar os pais, que o melhor que podem fazer por seus filhos, é mandá-los à Escola. Pois como vão entender as fontes da eternidade, se não souberem ler a Bíblia?"

Como problema grave o P. Richter apontou as finanças das escolas do interior. Há necessidade que os pais, cujos filhos freqüentam tais escolas, ajudem com uma contribuição maior para mantê-las. Não é justo aceitar doações de outros, enquanto os pais não fizerem tudo que está ao seu alcance para pagar a escola para seus filhos.

Sentiu-se a necessidade de transformar a "Liga de Comunidades" em Sínodo e mais tarde fundando a Igreja Evangélica Alemã. Pois era sempre maior o número de Comunidades que se uniam. O contato com a Igreja na Alemanha deveria ser mantido, mas financeiramente a Igreja no Brasil precisava tornar-se independente. Todas as Co-

munidades foram conclamadas a participar desta obra, mesmo que isto viesse a exigir grandes sacrifícios.

OBS. Os diversos Sinodos do Brasil uniram-se em 1949 fundando a Federação Sinodal. E em 1968 foi criada a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Várias doações foram feitas durante o ano de 1927: O Sr. Walter Bückmann doou um aparelho para slides, que foi muito usado para apresentações na Comunidade. Várias senhoras (Elfriede Krieger, Sophia Bauer, Idalina Von Büttner) doaram toalhas para o altar e tapetes. O Sr. Edgar Von Büttner mandou confeccionar a pia batismal, que doou à Comunidade.

Do relatório sobre as atividades desenvolvidas no ano de 1927 destacamos: "A Associação de Senhoras contratou uma diaconisa para cuidar de doentes e parturientes. Foi fundado o grupo de jovens da Comunidade, que apresentou dois cultos jovens e a Comunidade deve apoiar este trabalho e esforçar-se para que seus próprios filhos também participem. Lamenta que poucas pessoas são assinantes do jornal "O Mensageiro do Evangelho". Os representantes do Conselho da Comunidade têm o dever de conseguir novos assinantes e eles próprios também terem a sua assinatura.

A visita aos cultos parece ter melhorado. Mas o Pastor tinha um duplo motivo para queixar-se: 1) Que os homens não freqüentam os cultos com a mesma regularidade das mulheres. 2) Muitas famílias principalmente da cidade, que há anos participavam regularmente dos cultos, hoje não aparecem mais e nem se interessam pela vida na Comunidade — são indiferentes. O mais lamentável ainda, porém, é que membros do Conselho da Comunidade e da Diretoria não freqüentam as atividades regularmente, não cumprindo assim com o compromisso assumido diante da Comunidade. Justamente os representantes da Comunidade deveriam ser os portadores da vida cristã e dar testemunho por palavras e ações".

OBS.: O mesmo lamentamos ainda no ano de 1980: grande parte das famílias da cidade não participam regularmente das programações da Comunidade.

O coral e orquestra se destacaram também neste ano, fazendo duas apresentações festivas: no Domingo de Ramos e no dia 24.12.

Na reunião do Conselho da Comunidade de 12.02.1928 resolveu-se que os representantes da Comunidade das várias localidades devem assumir o compromisso de visitar as famílias de seu lugar com regularidade. Junto às famílias devem incentivar a vida comunitária e a cada três meses estes representantes devem reunir-se para falar sobre as perguntas e problemas que surgiram.

Numa Assembléia Extraordinária de 11.03.1928 foram eleitos os novos Conselheiros, ou melhor, a metade deles: Heinz Erbe, Karl Kock, Wilhelm Ristow, Oswald Orthmann, Johann Bartz, Hermann Fürbringer, Richard Kuchenbecker, Karl Knop, Johann Jeske, Albert Müller, August Steffen, Franz Westphal, Ludwig Strecker, Ernst Ulber,

Max Joenk. Estas pessoas tinham suas ruas e localidades definidas, onde deveriam atuar conforme o compromisso assumido.

OBS. Hoje ainda temos este sistema, onde os representantes (delegados) são responsáveis por 20 famílias. Nas Assembléias Paroquiais estes representantes falam sobre as experiências e problemas de suas áreas.

Na última semana de junho de 1928 realizou-se pela primeira vez na Comunidade de Brusque uma "Semana de Evangelização", pelo Missionário A. Pfeiffer, de São Bento do Sul. Esta Evangelização teve boa aceitação e ajudou para que mais pessoas passassem a participar com mais regularidade dos cultos e dos estudos bíblicos. Inclusive o grupo de estudos bíblicos, que até então se reunia na Casa Pastoral, passou a reunir-se na igreja, por falta de lugar. Nos cultos em muitos domingos havia até 300 pessoas. Também os homens passaram a frequentá-los com mais regularidade. No grupo de estudos bíblicos havia de 40 a 50 participantes.

Em abril de 1928 foi editado o primeiro número do Boletim da Comunidade com o título: "Gemeindeblatt" para as Comunidades Evangélicas de Brusque e Itajaí". Era impresso mensalmente em língua alemã. Escreveu o P. Richter sobre o objetivo deste Boletim. "A Comunidade aceitou bem o Boletim e o lê com interesse. As despesas são pagas por doações dos membros. É sem dúvida um dos meios de comunicação de mais sucesso, que deseja cultivar e fortalecer o convívio comunitário". Quanto tempo este Boletim foi editado, não foi possível precisar. Temos em nossas mãos só 4 números (2 de 1928 e 2 de 1929). E justamente nestes números foi editado parte do histórico da Comunidade desde a sua fundação. Estes quatro números encontramos na urna que se encontrava na parede do antigo Centro Evangélico, do qual falaremos mais adiante. Acredito que o referido Boletim tenha sido editado até 1930, quando o P. Richter deixou a Comunidade.

OBS. Desde 1971 a Paróquia vem editando boletins com o título: "Boletim Informativo da Paróquia Evangélica Luterana de Brusque".

No ano de 1928 o coral da Comunidade parece ter deixado de existir temporariamente, pois neste ano só se apresentou o "Gesangverein Saengerbund" formado por homens. Na ata da Diretoria da Comunidade de 15.05.1928 se lê no item 7: "O coro da igreja não será ressuscitado por enquanto". Não sabemos os motivos desta paralisação.

Grande destaque na vida da Comunidade no ano de 1928 foi a aquisição do segundo sino e a comemoração dos 65 anos da Comunidade. No ano de 1927 tinha sido resolvido adquirir o segundo sino, que logo tornou-se realidade. Deixemos falar o P. Richter sobre o acontecimento: "Hoje, no dia 12.08.1928, a Comunidade Evangélica de Brusque festeja seus 65 anos de existência. A Comunidade foi fundada no dia 17 de abril de 1863 pelo P. Hesse de Blumenau. A

Diretoria e o Conselho da Comunidade testemunham humildemente, que a Comunidade é o que representa unicamente pela graça de Deus. Declaramo-nos agradecidos pelo trabalho realizado por nossos pais, que colaboraram no desenvolvimento da Comunidade. Declaramo-nos igualmente agradecidos para com os pastores, que aqui trabalharam. Mas ao mesmo tempo reconhecemos nossas faltas e falamos: a graça de Deus é a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim. Com gratidão enaltecemos a graça de Deus, que Ele tem tido para conosco e com nossa Comunidade.

O Jubileu da Comunidade foi transferido para hoje, porque nesta data foram badalados festivamente os dois (2) sinos da igreja. Até hoje só um sino se ouvia do alto da torre. O segundo sino, maior do que o primeiro, que foi inaugurado em 1895, foi adquirido neste ano. O dinheiro para a sua aquisição foi doado totalmente pelas famílias da Comunidade. O sino foi fundido pela Sociedade Bochum da Alemanha. Sua tonalidade é "sol", enquanto do sino menor é "Si Bemol", a fim de que os seus tons fossem ouvidos harmoniosamente. O segundo sino tem uma tonalidade melódica, tendo um diâmetro de 117 cm.

O custo do sino na Fábrica=	Rs 3.269\$500
Despesa de transporte, alfândega e colocação na torre =	Rs 2.213\$900

Total Rs 5.483\$400

A Comunidade conseguiu em doações dos membros Rs. 6:305\$500. O que sobrou da campanha, foi destinado para a caixa da Comunidade. O sino foi inaugurado festivamente no Culto do dia 1º de julho de 1928. O sino estava diante do altar, festivamente ornado com grinaldas. P. Richter usou as palavras, que já o P. von Czekus usara na inauguração do primeiro sino. Foram palavras do Salmo 27, 7: "Escute, quando eu chamo!" Para inaugurar o sino usou as palavras: chame os vivos, chore pelos mortos, resista às tempestades!" O Gesangverein Saengerbund entoou o hino: "Os céus declaram..." Nas semanas seguintes, sob a orientação do Presidente da Comunidade, Sr. Walter Bückmann, o sino foi colocado na torre. Foram necessários vários serviços preliminares, inclusive na torre. Foi no dia 25 de julho, às 11 horas da manhã, quando o sino foi puxado pelo lado de fora da torre, até que chegasse no lugar previsto. No dia 28 de julho, sábado, às 12 horas, a cidade foi surpreendida com o badalar do sino grande. No dia 4 de agosto foram badalados os dois sinos juntos, pré-anunciando os 65 anos da Comunidade e o aniversário da cidade. "Hoje, dia 12 de agosto, soaram os dois sinos, alegrando os corações para este culto festivo. Queiram os sinos soar sempre para a honra de Deus e para nós como admoestação e consolo. Neste culto jubilar o P. Richter falou sobre 1º Samuel 7, 12: "Até aqui o Senhor nos ajudou". Um coro misto, especialmente formado

para este evento, dirigido pelo Sr. Seiffert, cantou acompanhado pela orquestra de câmara, a Cantata de Zingel sobre o Salmo 121. Na noite deste dia os jovens apresentaram na igreja a peça "O paraíso perdido".

Sobre o badalar dos sinos foi decidido:

O sino pequeno sozinho:

- 1) Pela manhã, ao meio dia e à noite.
- 2) No sepultamento de crianças, que ainda não foram confirmadas.

O sino grande sozinho:

- 1) Pela manhã e ao meio dia dos domingos — 25 min.
- 2) Antes do início dos cultos — 15 min.
- 3) no sepultamento de adultos.
- 4) Nos casamentos desde a entrada do portal do cemitério até à igreja.

Os dois sinos são badalados juntos:

- 1) Nos sábados à noite (17 horas) durante 5 min.
- 2) No início dos cultos — 3 min.
- 3) No pré-anunciar dos grandes dias festivos — 15 min.
- 4) Nos dias festivos pela manhã e ao meio-dia — 5 min.
- 5) À noite, antes dos dias festivos: Natal, Páscoa, Pentecostes e Reforma — 8 min.

OBS. Em parte são observadas as mesmas regras ainda hoje, só não badalando além de 5 minutos em nenhuma ocasião. Nos casamentos não mais badalamos o sino.

Na reunião do Conselho da Comunidade (formado por homens) no dia 16.12.1928 o P. Richter proferiu uma conferência sobre o tema: "A igreja e os homens". Acentuou que os homens precisam do apoio do Evangelho e da Igreja tanto quanto outras pessoas. Há necessidade de uma confissão pública em favor da Igreja Evangélica. Para que isto aconteça, há necessidade de conhecer melhor os fundamentos da fé cristã. Como se chega a tal conhecimento? Pelo estudo e leitura da Bíblia, do hinário e do catecismo menor de Martin Luther. Também há necessidade de conhecer a vida e o agir da Igreja Evangélica e também de outras Igrejas. Precisamos da atividade dos homens na vida comunitária". Esta atividade, reunindo os homens, a fim de que se integrassem mais na Comunidade e pudessem viver as suas responsabilidades, foi desenvolvida nos anos seguintes.

No relatório de atividades sobre o ano de 1928 o P. Richter escreveu, procurando incentivar a Comunidade: "O ano de 1929 nos colocará diante de novos compromissos. Precisamos segurar o que

nos foi dado. Mas este segurar nunca poderá ser um descansar. Como não podemos regredir com nossa vida na Comunidade, assim não podemos ficar parados no ponto alcançado. Precisamos continuar a marcha para a frente. Aqui ficamos inquietos, pois quantas oportunidades já deixamos passar, onde poderíamos ter feito o bem. Certamente o progresso da Comunidade dependerá da graça de Deus, mas Ele não nos abençoa, se não nos esforçarmos para ajudar nesta obra de nossa Comunidade. O novo ano trará novos desafios para a nossa vida de fé. O termo de comparação para provar o amor é a vontade de sacrificar. Uma Comunidade que deixar de sacrificar, estará preparando sua morte espiritual. Sem sacrifício não dá. Mas quando aprendemos que sacrificar e dar não é um peso, mas trazem alegria e felicidade, então seremos gratos pelas oportunidades que nos são dadas para doar e sacrificar. A Comunidade — ou posso dizer, Deus — dará também no ano de 1929 oportunidades para que cada um possa fazer o bem. A Comunidade espera pela colaboração de todos”.

Por parte de várias pessoas houve reclamações quanto à apresentação de cultos festivos com muita música e sem pregações.

Também as peças teatrais com conteúdo cristão, apresentadas na igreja, foram criticadas. O P. Richter tomou posição diante deste assunto no Boletim da Comunidade de Setembro de 1928: “Estas apresentações são diferentes dos cultos normais, mas nem por isso podemos afirmar, que seu lugar não é na igreja. Estas novas formas querem ser uma ajuda para esclarecer a Comunidade em assuntos de fé. Os jovens que apresentam estas peças, querem visualizar a fé. Convidamos para estas ocasiões pessoas que realmente querem receber uma mensagem. Quem não concorda, pode ficar em casa, quando tais apresentações acontecem”.

Na Assembléia do Conselho da Comunidade de 17.02.1929 foi resolvido que a Comunidade se filiaria ao Sínodo Evangélico Alemão, que substituiria o compromisso assumido com a Igreja da Prússia.

Na reunião da Diretoria da Comunidade de 21.05.1929 foi admitido o Sr. Wilhelm Hartke como zelador, substituindo o Sr. Julius Kuchenbecker, que servira à Comunidade desde 07.1923.

O acontecimento marcante do ano de 1929 foi o lançamento da Pedra Fundamental e a construção do Centro Evangélico. O terreno foi comprado do Sr. Evilásio Gevaerd (ao lado da atual Casa Pastoral na Av. Monte Castelo). O Sr. Carlos Renaux se prontificou a pagar a construção do Centro, o que foi aceito na reunião do Conselho da Comunidade de 16.12.1928. O lançamento da Pedra Fundamental aconteceu após o culto do dia 14.07.1929 (7º Domingo após

Trindade). Do documento da Pedra Fundamental destacamos alguns itens importantes: "Para esta ocasião foi retificada a rua que vem da Prefeitura e vai até à igreja, inclusive foi baixada um metro, dando um melhor aspecto para a cidade e também para a igreja. Para não prejudicar a visão da igreja, o centro será construído oito (8) metros retirado da rua (segue pequeno histórico da Comunidade). No momento pertencem à Diretoria da Comunidade os senhores: Walter Bückmann, substituído por Otto Renaux, Ernest Ulber, Max Joenk e Ludwig Strecker. No Conselho da Comunidade estão: Heinz Erbe, Karl Kock, Wilhelm Ristow, Osvald Orthmann, Johann Bartz, Hermann Fürbringer, Richard Kuchenbecker, Karl Knop, Johann Jeske, Albert Klann, Johann Marschewski, Ernst Wilke, Albert Müller, Franz Westphal e August Steffen. O início de construções na Comunidade foi no ano de 1872, quando foi construída a primeira igreja, que foi usada como tal até o ano de 1894 e mais 10 anos como escola. A igreja atual foi construída em 1894, sendo inaugurada no dia 06.01.1895. Em 1821 foi construída a Casa Pastoral. A primeira Casa Pastoral tinha sido adquirida com o terreno do seu proprietário P. H. Sandreczki. Em 1926 foi construída a casa do zelador. Sempre a Comunidade se empenhou na manutenção e embelezamento de sua igreja. No ano passado foi adquirido o segundo sino por ocasião dos 65 anos da Comunidade.

"Se hoje estamos reunidos para o lançamento da Pedra Fundamental deste centro comunitário, então isto só pode acontecer elevando nossos olhos a Deus com agradecimentos, que Ele dirigiu nossa Comunidade até aqui e nos abençoou com ela ricamente. Queira este centro comunitário servir para todos como sendo um lugar de bênçãos, do qual fluirão rios da vida divina sobre a Comunidade! Queira ele nos conscientizar, que diante de Deus não somos só receptores, mas que estamos aí para passar adiante o que recebemos e participar na obra do Senhor! Para não esquecermos este compromisso, o centro comunitário queira ser sempre um admoestador. Deus, O Senhor, Todo Poderoso abençoe esta casa. Ele abençoe a nossa Comunidade doravante. Ele abençoe todos que nele entrarem e saírem! Isto conceda Deus. Amém". No lançamento da Pedra Fundamental os senhores Carlos Renaux e Walter Bückmann encontravam-se na Alemanha. A eles foram enviadas cartas, relatando o acontecimento e cópias das mesmas foram colocadas na urna da Pedra Fundamental. Também os Boletins contendo o histórico da Comunidade e ata do lançamento do Centro Comunitário encontram-se na urna. Este Centro foi inaugurado em maio de 1939. Para a aquisição dos móveis foram feitas campanhas de doações entre os membros. Também uma placa de bronze foi afixada no Centro, na qual se lê: Ao construtor do Centro Comunitário Sr. Carlos Renaux (gewidmet), oferecida pela Comunidade Evangélica de Brusque com gratidão — 1929". Este Centro serviu à Comunidade até 09.1971.

Nele realizavam-se encontros de jovens, de senhoras, de homens, cafés beneficentes, apresentações teatrais, palestras, Escola Dominical para crianças. Inclusive durante a reforma da igreja de 1942 e 1959 o centro foi usado como igreja. Ele foi demolido em 1974 por famílias da comunidade de Águas Claras Central, que usaram o material bom para a construção de sua igreja. Por sinal as janelas da igreja de Águas Claras Central são do Centro Evangélico da cidade.

Do relatório pastoral do ano de 1929 destacamos: o número de famílias no ano atingiu 400. A visita aos cultos foi satisfatória — em média 300 pessoas por culto. Pela primeira vez foram realizados devocionais durante o tempo da Paixão às quartas-feiras à noite, tendo aumentado a freqüência de semana a semana, chegando à 100 pessoas por noite. Lembrando os 400 anos do Catecismo de Martin Luther foram realizados encontros semanais durante o inverno, nos quais o pastor discorreu sobre “a relação entre fé cristã e catecismo”. Estes encontros tiveram boa aceitação. Como visitantes ilustres destacaram-se o representante do Conselheiro-Mor da Alemanha Sr. Funcke e o P. Borgards de P. Alegre, que falou sobre o trabalho das diaconisas, procurando incentivar moças para esta obra da igreja. Logo iria ser formado um coro de trombones, pois a Comunidade recebeu através dos senhores Paul Kneile de Stuttgart e P. Griese as verbas necessárias para a aquisição de 4 trombones. Mais dois trombones foram presenteados — um pelo P. D. Kuhle de Bethel e um pelo coro de trombones de Dortmund. Tudo foi conseguido através de doações, também os livros de notas.

A Escola Dominical foi freqüentada por 150 crianças, divididas em 8 grupos e dirigidas por 7 auxiliares. No Natal mais de 200 crianças receberam presentes. As despesas com as crianças foram cobertas com ofertas delas mesmas.

Antes de finalizar o relatório o Pastor apontou para o problema das aulas de religião nas escolas do interior. Era grande o número de crianças que não sabia ler e escrever. Assim não seria possível continuar. O Pastor culpou os pais, pois não mandavam seus filhos regularmente à escola. Os pais estavam faltando com seu dever. Era necessário dar à geração que cresce o devido preparo para a vida. Decidiu-se numa reunião do Conselho da Comunidade de 09.02.1930 que crianças que freqüentassem dois (2) anos o ensino religioso e soubessem ler fluentemente, precisariam freqüentar só um ano a doutrina. As demais deveriam freqüentar dois ou mais anos o ensino confirmatório. Na mesma reunião foi aprovado o aumento de 50% nas contribuições dos membros, pois as despesas tinham aumentado muito. Houve também eleição da Diretoria e dos conselheiros. In-

clusivo se propôs que até 1/5 dos conselheiros poderiam ser mulheres. Foram escolhidas para integrar o Conselho as Sras. Ida Renaux, Idalina von Büttner e Sra. Bachmann.

No ano de 1930 voltou à tona o problema dos representantes da Comunidade. Houve palestra aos mesmos sobre o tema: "Como preparamos os representantes para que se tornem células vivas no serviço da comunidade?" Deveriam encontrar-se cada dois meses para diálogo e decisões sobre a maneira de melhor servir.

Em reunião da Diretoria de 28.01.1930 o P. Friedrich Richter comunicou sua decisão de realizar uma viagem de férias para a Alemanha. A Diretoria concordou, bem como o Conselho da Comunidade em sua reunião de 09.02.1930. Na reunião da Diretoria de..... 29.07.1930 decidiu-se que Rs. 600\$000 seriam pagos para o substituto P. Enders e Rs 50\$000 mensais seriam pagos posteriormente ao P. Richter. Este deixou a Comunidade de Brusque em julho de 1930. Não mais retornou a Brusque, como era inicialmente a sua intenção.

"JOGO DO BICHO"

Ayres Gevaerd

Antes da Loteria Esportiva, um dos jogos de azar mais "Jogados" no Brasil, sem dúvida, era o "Jogo do Bicho", e sua prática atingia como ainda atinge exatamente as camadas sociais mais humildes.

Houve tempo em que as autoridades permitiam esse jogo, o que não acontece atualmente.

Mas, fechado ou aberto, sua prática continua, atingindo não raras vezes proporções bastante altas.

Apesar de ser irregular, não há "banqueiro" que deixe de pagar o prêmio, mediante apresentação de um simples papel, com anotação do bicho, valor jogado e rubrica do agente.

As operações são feitas de maneira a mais simples, porém com a necessária reserva e cuidado. O "banqueiro" em geral é pessoa de posses, afeito à modalidade do jogo e conhecido apenas dos agentes e "agenciadores."

Em diversos pontos da cidade, principalmente em pequenos bares, os proprietários exercem as funções de agentes do "banqueiro".

Pela manhã os "agenciadores" recebem seus blocos e saem a procura dos clientes, muitos tradicionais e infalíveis. Outros procuram a "central" para fazer seu joguinho com o próprio responsável.

Às 16 horas chegam os "agenciadores", procedendo a entrega da "fêria" ao agente de suas respectivas áreas o qual, em seguida, encaminha blocos e o dinheiro arrecadado ao "banqueiro".

O prêmio é pago no dia seguinte, ato perfeitamente respeitado, seguro.

Existe literatura especializada, com orientação certa para ganhar no "Jogo do Bicho". Um livrinho "Método prático para se ganhar no "Jogo do Bicho" e um outro "Interpretação dos sonhos", são os mais usados. Este último interpreta os sonhos e aponta o bicho adequado, seu grupo, dezena, centena e milhar. Por exemplo: Sonhar com formiga, ver um formigueiro: preguiça, negligência. Ver uma formiga: tentação. Bicho: número 13, galo; dezena 52, centena 352 e milhar 9352. Sonhar com o inferno, vê-lo de longe: grande desgosto. Estar nele; acidente grave. Bicho: urso, número 23; dezena 91, centena 291 e milhar 5291.

Em Brusque a prática do "Jogo do Bicho" sempre existiu livre

ou clandestino. Existem respeitáveis senhoras e senhores que fazem sua "fezinha", e não poucos consultam os citados livros na esperança de segura interpretação de um sonho.

Mas, o grande número de jogadores, não existe dúvida, é amplamente popular, predominando pessoas humildes e de poucos recursos financeiros. Existem os intransigentes, jogadores semi-profissionais que fazem jogadas bastante elevadas.

Estas notas, em torno do tão popular "jogo do bicho", essencialmente brasileiro, faço-as para justificar a transcrição de correspondência da Superintendência Municipal de Brusque. Mostram as atribuições de nosso Superintendente em 1915, relacionadas com o famigerado jogo, quando era permitido sua prática:

"Exmo. Snr. Dr. Felipe Schmidt — D. D. Governador do Estado. Florianópolis. Quando assumi a administração municipal, encontrei não somente o serviço municipal em completo abandono e estado de anarquia como também grande parte da população outrora tão laboriosa, entregue ao vício do "jogo do bicho", causando o desastre a muitas famílias. O colono já abandonava sua roça para vir a Vila arriscar nos azares do jogo o producto de seu trabalho honrado. Os dous banqueiros aqui existentes, um tal Grossembacher, de Blumenau e um tal Werner, de Itajahy, diariamente faziam uma transação de 600\$000.

Fácil era de prever, se, quando este vício continuasse por mais um ano, o meu município já depauperado, chegava ao auge da miséria. Para dar um paradeiro a esta expoliação do povo insensato por uns indivíduos que nem um tributo pagam ao município, o Conselho criou um imposto anual de 2 contos de réis. Intimidados os banqueiros ao pagamento da quota trimestral, nenhum caso fizeram da intimação. Então dirigi ao snr. Delegado de polícia o seguinte ofício: "Ofício nº 1. Superintendencia Municipal de Brusque, em 16 de janeiro de 1915. Ilmo. Snr. Comissário de polícia da Comarca de Brusque. Tenho a honra de communicar-lhe que os banqueiros do "jogo de bichos" senhores Manoel Werner e Paulo Grossembacher, deixaram de satisfazer os impostos de indústria e profissão a que estão sujeitos por Lei orçamentária municipal. Offerecendo a V^a. S^a. os conhecimentos do supra citado imposto, solicito que mande convidar os referidos banqueiros que comparecessem perante V^a S^a. e ahi então sejam intimados ao pagamento immediato, sob pena de ser-lhes prohibida a continuação da sua profissão a serem processados na forma da Lei. Agradecendo a V. S^a. a importante diligência em prol da administração municipal, firmo-me com a mais subida estima. De V. Sa. muito atento. Carlos Renaux — Superintendente".

O Delegado por sua vez prohibiu terminantemente o jogo, conseguindo por vários meios hábeis a retirada dos banqueiros. Todo mundo ficou satisfeito e alliviado, porém cedo demais. Na semana passa-

da appareceu o tal Werner outra vez estabelecendo sua "banca" numa taberna a um kilômetro fora da sede. O Delegado sabendo logo do novo abuso, mandou um policial intimar ao tal Werner a comparecer diante de si. O pobre do policial foi recebido a bengaladas e ferido na cabeça. O delegado mandou autuar o attentado e preparou a prisão do criminoso e de seus cúmplices, mas esses, já de noite haviam fugido, não sem a ameaça de voltarem com maior número de capangas. Neste pé as coisas, o delegado vem pedir-me que solicitasse do Exmo. Snr. Dr. Chefe de Polícia o reforço da destacamento, o que promptamente attendi pelo meu seguinte telegramma:

"Dr. Chefe de Polícia. Florianópolis. Intuito supressão jogo de bicho, ao iniciar administração municipal achando proporções assustadoras accordo Delegado aei. Hontem appareceram bicheiros domiciliados Itaihy, estabelecendo banca, sendo intimados, atacaram policial ferindo-o, procedeu-se auto, agressores fugiram esta noite dizendo voltarem capangas sustentar banca. Peço medida prevensão reforçar temporariamente destacamento. Saudações respeitosas. Carlos Renaux". Imagine V. Excia. a minha surpresa ter sido obsequiada pelo seguinte despacho do Exmo. Snr. Dr. Chefe de Polícia. Telegrama: Florianópolis, 23.1.1915. Superintendente Brusque. "Medidas adaptadas ahi contra jogo do bicho, inoportunas tanto mais quando são exclusiva competência policia não posso enviar reforço solicitado agora, visto proximidade eleições não poder haver movimento força. Saudações".

Ulisses Costa.

Admito-me como o Exmo. Snr. Chefe de policia pode censurar o meu procedimento, sem ter dele pleno conhecimento. Eu não invadi quaesquer attribuições da Polícia, ninguém podia mais respeitar do que eu as attribuições inherentes aos cargos das autoridades policiaes e judiciaes ou de outra qualquer, so posso concluir que o meu telegrama foi pelo Exmo. Snr. Chefe de policia mal interpretado. Mas seja como fôr. Certo é que no dia em que o Governo deixa de apoiar os meus actos e pedidos, menos prezando-os, nesse mesmo dia renunciarei os cargos que ocupo. Por isso exponho a V. E. o ocorrido com toda lealdade e franqueza e aguardo a vossa decisão. Saúde e Fraternidade. Carlos Renaux.

(De acordo com a ortografia original)

Um hábito original

Ayres Gevaerd

Procedentes das linhas de colonização italiana Poço Fundo, Nova Itália, Santa Luzia e Ponta Russa, há já muitos anos, era acontecimento comum, nos domingos, ao alvorecer, pequenos grupos de mulheres se reunirem na cabeceira do lado direito da ponte Vidal Ramos. Essas respeitáveis senhoras, italianas as mais idosas, brasileiras as mais novas, faziam a pé, o longo percurso, descalças, conversando alegremente, levando em uma das mãos os sapatos e na outra um lenço grande de cor amarela ou vermelha, tendo em suas dobras, um rosário.

Ao chegarem ao local, arregaçavam as amplas e longas saias, sentavam-se nos dois pequenos passeios então existentes, junto aos parapeitos. Com o lenço limpavam o pó ou a lama dos pés, calçando em seguida os sapatos, procedimento que sempre demorava, acompanhado de quando em vez das características imprecações tão ricas do vocabulário italiano. Ao se levantarem ensaiavam alguns passos, para logo depois ficarem paradas, em atitude contemplativa, olhando o correr das águas do rio, o horizonte longínquo ou observando a cidade, quietas, sem falar, durante um minuto aproximadamente. "Aliviadas", sacudiam fortemente as saias, ageitavam as blusas e os lenços na cabeça prendendo as fartas cabeleiras, reiniciando a caminhada em direção à Igreja Matriz Católica, para assistirem à primeira Missa. Neste último trajeto o silêncio entre elas era quase completo, apenas uma ou outra palavra levemente pronunciada.

Finda a Missa, a reunião se fazia novamente no mesmo local, mais rápida, porque então o movimento na cidade era maior. Com exclamações de grande alívio retiravam sapatos, permitindo mais desembaraço em busca de seus lares. No local, agora deserto, só se notavam no chão pequenos sulcos e manchas fortemente humedecidas.

Relatório dos preparativos e das festas comemorativas do primeiro Centenário de Brusque

(Continuação)

× Abriu-se agosto com cerimônia junto à estátua de Carlos Renaux, dia 1º, às 16 horas, promovida pelos Sindicatos Patronal e dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Brusque. Em nome do Sindicato Patronal falou o industrial Norival Paes Loureiro e em seguida o sr. Alfredo Vieira, pelo dos Trabalhadores, ambos destacando a obra do Cônsul Carlos Renaux. Em nome da Família Renaux agradeceu o industrial Ingo A. Renaux. Achavam-se presentes, além das autoridades locais, convidados especiais de Florianópolis, Blumenau, Itajaí, Nova Trento e outros municípios, membros da Família Renaux e grande número de populares. A Banda Musical de Nova Trento deu brilho especial à solenidade.

× Dia 2 de agosto, às 16 horas, na Casa da Comunidade Evangélica e em dependência do Ginásio Carlos Renaux, instalaram-se, respectivamente, as Exposições de Arte Domiciliar e Artes em Geral. Nos atos de abertura discursaram o sr. Wilson Santos e a Sr^a. Lilian Gevaerd, tendo o livro de visitantes acusado a presença de aproximadamente 1.400 pessoas, em cada exposição.

× Apesar das constantes chuvas que caíam em todo o município desde o amanhecer do dia 2, deixando apreensivos os brusquenses, era intenso o movimento na cidade que se apresentava condignamente preparada.

× Já às primeiras horas do dia 3, mesmo com chuva, a Sub-Comissão de Ornamentação terminava seus trabalhos, preparando o festivo alvorecer do dia 4. A Sub-Comissão de Recepção cedo também se empenhou, cuidando de receber nossos convidados e autoridades, conduzindo-as, depois de um coquetel na S. E. Bandeirantes, aos lugares de hospedagem, previamente acertados. Pequeno número de convidados só puderam chegar à tardinha e pela manhã do dia 4, devido a temporais e dificuldades nas rodovias.

× As 10,30 horas processou-se à inauguração do Grupo Escolar "Dom João Becker", adiando-se, "sine die", a instalação oficial do Instituto Santa Inês, ambos os edifícios localizados no Jardim Maluche. Grande foi a afluência, além das autoridades, de populares e escolares ao local. Os oradores foram: aluno Nelson Reis, Srtas. Dinorah Krieger e Maria H. Carneiro, Vereador Alexandre Merico, Dr. Victor Peluso e Dr. Carlos Moritz. Antes do corte da fita simbólica feita pelo Governador do Estado Heriberto Hülse, procedeu-se à Bêção solene e leitura da ata de instalação.

× Por volta do meio-dia o sol reapareceu, fazendo prever bom tem-

X
po, o que realmente aconteceu. Transferiu-se a inauguração do Serviço de Abastecimento de Água para às 16 horas do dia 5. À tarde, pelas 16,30 horas, em Azambuja, inaugurava-se o "Museu Arquidiocesano Dom Joaquim".

Inicialmente discursou o Revmo. Padre Paulino Reitz, historiador, desde as origens, o Museu então denominado "Joca Brandão" até a nova denominação, incluindo as atividades da Comissão organizadora e da orientação técnica do Prof. Alfredo T. Ruzins. Em seguida falou o Revmo. Padre Côn. Valentim Loch e o sr. Êrico Contesini que fez a leitura da Ata de Instalação. Agradeceu a distinção S. Excia. Revma. D. Joaquim D. de Oliveira, Arcebispo Metropolitano, passando a seguir a orientar a entrega de honrarias especiais ao Exmo. Sr. Governador do Estado, sua esposa e a vários sacerdotes presentes. Antes de ser procedida pelo Governador Heriberto Hülse a instalação oficial do Museu, fez-se ouvir a Banda Musical dos Seminaristas de Azambuja, sob a orientação do Revmº. Padre Ney Brasil Pereira, que entre outras peças musicais executou o Hino do Centenário.

Antes das autoridades, convidados e populares iniciarem a visita ao Museu, realizou-se a inauguração da Exposição de Fotografias em sala especialmente destinada à Sociedade Amigos de Brusque, ouvindo-se então a palavra do Sr. Oscar Maluche, em nome da Comissão organizadora.

Visitaram o Museu e a exposição de fotografias, do dia da inauguração até o dia 1º de outubro, 3.582 pessoas registradas no Livro dos Visitantes.

Plena de entusiasmo e de exaltação cívica realizou-se, com início às 20 horas, a sessão magna da Câmara Municipal, no Cine Teatro Real, completamente lotado. Poucas horas faltavam então para Brusque ingressar em seu segundo século.

Participaram da mesa, presidida pelo Presidente da Câmara Municipal, vereador Carlos Boos, as seguintes personalidades: Heriberto Hülse, governador do Estado; Dr. Hans Otto Mueller Osthaus, representante do embaixador da República Federal da Alemanha; Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano; Dr. Ernesto Schlieper, presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; Pastor Domingos Peixoto da Silva, secretário geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil; Dr. Belizário N. Ramos, Juiz de Direito da Comarca; Dr. Carlos Moritz, prefeito municipal; Pedro Piva, prefeito municipal de Nova Trento; Francisco A. Koerich, prefeito municipal de Vidal Ramos; José Brusque, representante da Família Erusque, de Pelotas, Rio Grande do Sul; Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, primeiro cidadão Honorário de Brusque; Almirante Carlos da Silveira Craneiro; deputado federal Osmar Cunha; deputado estadual Braz Joaquim Alves, presidente da Assembléia Legislativa do Estado, Oswaldo Machado, prefeito municipal de Florianópolis; Dr. Francisco Dal'igna, Ingó A. Renaux e Alexandre Merico, vereadores; Ayres Ge-

vaerd, presidente da Sociedade Amigos de Brusque, representando ainda o autor do brasão de armas de Brusque, Tenente Coronel Henrique Oscar Wiederspahn.

Discursaram os seguintes senhores: Dr. Francisco R. Dal'Igna, pelo Partido Trabalhista Brasileiro; Ingo A. Renaux, pelo Partido Social Democrático; Alexandre Merico, pela União Democrática Nacional; deputado Osmar Cunha, representando a Câmara Federal; deputado Braz J. Alves, presidente da Assembléia Legislativa do Estado; Dr. Carlos Moritz, prefeito municipal; Pedro Piva Jr. Prefeito Municipal de Nova Trento; Dr. Oswaldo R. Cabral, 1º cidadão honorário de Brusque; Dr. Hans Otto Mueller Osthaus, representante do embaixador da República Federal da Alemanha; José Brusque, em nome da Família Brusque e Antônio Teixeira Dias, agradecendo a distinção do título de cidadão honorário de Brusque, conferida a ele e aos senhores Dom Joaquim D. de Oliveira, Arcebispo Metropolitano; Padre Raulino Reitz, Walter F. Piazza, Padre João da Cruz Stuepp, Revma. Irmã Ludgéria, Dr. Jorge E. Ritzmann, Wilson Santos, Prof Leopoldo Germer e Julio R. Hildebrandt.

Antes do encerramento foi lido um ofício datado de 1.8.60 do encarregado da embaixada de Áustria, Dr. Nicolaus Horn, excusando-se por não lhe ser possível comparecer.

*

× Incalculável multidão permanecia nas ruas principais da cidade, principalmente na Praça Schnéeburg, aguardando a chegada do 2º século de Brusque.

× Finalmente, quando, festivamente, os sinos das igrejas católica e evangélica iniciaram alegre repicar, anunciando a 0 horas de 4 de agosto de 1960, acompanhados pelas sirenes de nossas indústrias, salva de 21 tiros, espoucar de foguetes, businas de automóveis, essa mesma multidão externou sua alegria entre abraços e exclamações.

× Em seguida a Banda da Força Pública do Estado desfilou, executando marchas e dobrados, saudando o alvorecer do nosso 2º centenário, seguida por essa mesma multidão que continuamente externava seu entusiasmo.

× A Sociedade Amigos de Brusque possui em seu arquivo duas fitas gravadas dessa extraordinária e soberba manifestação. Às 5 horas o Conjunto de Trombones da Igreja Evangélica executou várias peças, postando-se em muitos pontos da cidade, anunciando a chegada de mais um dia.

× Às 8 horas, na esplanada da Prefeitura recém-demolidas, foram hasteadas as Bandeiras do Brasil e de Santa Catarina, respectivamente pelo Governo do Estado e Desembargador Severino Alves Pedrosa, tendo a Banda da Força Pública executado o Hino Nacional e o Hino do Centenário. A seguir, discursou o prefeito municipal Dr. Carlos Moritz, saudando as autoridades, convidados, visitantes, finalizando com mensagem especial a todos os seus munícipes.

(Continua)

*Documentos da Administração
Barão Maximiliano de
Schneéburg*

JANEIRO DE 1863.

(De acordo com a ortografia original)

Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim
em 2 de janeiro de 1863.

Illmo. E Exmo. Snr.

Tendo a honra de apresentar respeitosamente á V^a. Ex^a. o Relatorio do anno de 1862 sobre a Colonia Brusque, junto com o Mapa Estatistico sob N^o 1, o resumo do mesmo sob N^o 2, o extratto das contas dos denheiros recebidos e das despezas sob N^o 3, assim como uma tabella dos preços correntes nas casas de negocios da Colonia.

Na mesma data diriji, como de costume, uma copia litteral do Relatorio ao Exm^o. Snr. Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja, Dm^o Director da 3^a Directoria das terras Publicas e da Colonisação.

Juntas submetto tãobem ao conhecimento de V^a Ex^a as contas mensaes, especificadas e documentadas do Trimestre (como de uso) dos mezes de Outubro, Novembro e Dezembro de 1862.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illmo. e Exmo. Snr. Commendador João Francisco de Souza Coutinho
Dm^o Vice-Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 2 de Janeiro de 1863.
Illm^o. e Exm^o. Snr.

Sobre o Requerimento, que junto devolvo de Theodoro Dankwardt morador proprietario nas Bateas no Rio d'Itajahy-mirim, pedindo ser asseitado como Colono e membro da Colonia Brusque, tenho de informar: que na minha humilde opinião não vejo motivo algum, sendo elle zeloso agricultor, para negar-lhe a incorporação pedida no nucleo da

Colonia, sendo suas terras na Limeira e vizinhas ás d'este Estabelecimento.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illmo. e Exmo. Snr. Commendador João Francisco de Souza Coutinho
Dm^o Vice-Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 3 de Janeiro de 1863.

Illm^o. e Exm^o. Snr.

Tenho a honra de remetter á V^a. Ex^a. o Requerimento de Francisco Haag, informando de ante-mão que tudo quanto elle alega no mesmo em favor de seu pedido é verdade.

V^a. Ex^a. determinará como por bem houver.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illmo. e Exmo. Snr. Commendador João Francisco de Souza Coutinho
Dm^o Vice-Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim
em 5 de Janeiro de 1863.

Illm^o. e Exm^o. Snr.

Accuso arecepção do Officio de V^a Ex^a de 9 de Dezembro de 1862 em que me ordéna que eu informe sobre o requerimento de João Carlos Read, que junto devolvo com os mais papeis concernentes dos Snrs. Juiz Commissario e 2 do Snr. Delegado Interino das terras publicas; em obediencia do que tenho de dizer o seguinte:

A vista da informação do Snr. Juiz Commissario com data de 4 de Novembro de 1862 dirigida à V^a. Ex^a., não pode haver duvida alguma que, pela medição do terreno d'esta Colonia a cinco annos feito soffressem as terras que o peticionario João Carlos Read pretende le-

gitimar, o prejuizo de 748.250 braças², ja demonstradas no mappa que o mesmo Snr. Juiz Commissario remmettera à essa Presidencia em 16 de Dezembro do Anno proximo passado, logo que o peticionario esteja com o seu pleno direito de reclamar a lhe serem indemnizadas.

Quanto à localidade que o peticionario indica como devoluta nos fundos das terras do supplicante na margem direito do Rio d'Itajahy-mirim, com 400 braças de frente e 500 de fundo que pretende receber como integral indemnisação entre os terrenos de Manoel Francisco de Aranjel e Bento Malaquias, assim como o complemento, para os 748.250 braças² de seu prejuizo, que seria de 548.250 braças² nos fundos dos terrenos de Frederico Deken e de João Houme não posse informar sufficientemente por que não conheço a extensão braçal assaz certo do terreno devaluta e declaro: que nunca poderão ser comprehendidas nesta indemnisação pedida as terras, ultimamente medidas pelo Major Engenheiros Rivierre a custo do Governo, menos os lottes já demarcados pelo mesmo Engenheiro no Ribeirão das Limeiras para Colonisação, terrenos estes destinados e já annexos à essa Colonia por determinação do Governo e Officio do Exm^a. Presidencia de 14 de Novembro do anno de 1862, logo não devolutas.

Considero, no meu fraco ver, que só uma medição circumvalente das terras de veras e positivamente de valutas na situação pelo peticionario indicada para sua indemnisação, medição executada pelo Juiz Commissario poderá munir à V^a. Ex^a. o esclarecimento próprio e os meios para determinar, como então por bem houver, sobre a petição de João Carlos Read quanto elle diz respeito ao lugar da indemnisação, e sobre outros futuros requerimentos.

Hé quanto meu occorre para respeituosamente levar a conhecimento de V^a. Ex^a.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illmo. e Exmo. Snr. Commendador João Francisco de Souza Coutinho
Dm^o Vice-Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim

7 de Janeiro de 1863.

Illm^o. e Exm^o. Snr.

Como as presentes circumstancias me obrigarão a diferir por

algumas semanas a honra de ir pessoalmente comprimentar e pedir as Ordens de V^a. Ex^a., tomo me a liberdade de fazel-o com o mais profundo respeito por esse submisso Officio.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illmo. e Exmo. Snr. Capitão Tenente Pedro Leitão da Cunha
Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim

7 de Janeiro de 1863.

Illm^o. e Exm^o. Snr.

Cumpre-me levar ao conhecimento de V^a Ex^a que por falta de Ecclesiasticos tanto de uma como de outra Confissão, os Colonos d'esta Colonia não se achão no caso de participar dos Actos sagrados que a Religião prescreve.

Um cura protestante ainda nunca officiou nesta Colonia. Um Sacerdote Catholico o Revm^o. Padre Gattone Vigario da Freguezia de S. Pedro Apostolo no Rio Gaspar, veio por duas vezes; como porem elle exigisse desta Directoria, que esta forneça as despezas de sua vinda e ida, tanto as, durante sua residencia na Colonia, peço authorização de V^a. Ex^a. para poder continuar a acceder essas condições e rogo à V^a. Ex^a. queira extendel-a tãobem sobre o Cura protestante em Blumenau, que sob as mesmas condições prestar-se hia, como me consta, a vir baptizar ras muitas crenças, regularisar tantas relações de familias, que ainda querecem de Benções ecclesiasticas, e exercer os mais deveres da Religião protestante.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illmo. e Exmo. Snr. Capitão Tenente Pedro Leitão da Cunha
Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 11 de Janeiro de 1863

Illm^o. e Exm^o. Snr.

Rogo a V^a. Ex^a. queira dignar-se mandar-me quanto antes a quantia orçada para o trimestre Jneiro, Fevereiro e Março do corren-

te, pois a falta comprometteria muito por graves pretensões da parte dos colonos a força moral da directoria e o andamento da colonia.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illmo. e Exmo. Snr. Commendador João Francisco de Souza Coutinho
Dm^o Vice-Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim

em 22 de Janeiro de 1863.

Illm^o. e Exm^o. Snr.

Accuso a recepção do Circular da 2 Secção da Secretaria do Governo da Provincia de S. Catharina com data 26 de Dezembro 1862, ficando sciente do seu conteúdo.

Congratulo a Provincia e as Colonias pela tão acertada nomeação Imperial na Pessoa de V^a. Ex^a. por Secretario do Governo Provincial.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illmo. e Exmo. Snr. Dr. Olympio Adolpho de Souza Pitanga
Dm^o. Secretario do Governo da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 25 de Janeiro de 1863.

Illm^o. e Exm^o. Snr.

Afim de que V^a. Ex^a. possa, com plena sciencia determinar sobre a petição do Dr. Schiefler junta, informo de ante mão que: tudo quanto alega o peticionario é verdade.

É sem duvida muito mais acertado e vantajozo que esse peticionario particular, como pretende e pode, estabeleça, engenho ou engenhocas já e já, para cujo fim e andamento lhe é indispensavelmente,

digo, incontestavelmente preciso todo o Lotte N° 28, afim de poder cultivar-o com as respectivas plantações, do que seria um estabelecimento pelo Governo feito para cujo fim foi reservado essa Colonia N° 28.

Outro sim o Agrimensor Germano Thieme já requereo, sem até agora ter obtido despacho, a metade do Lotte N° 28 que não prejudicasse o Estabelecimento do Governo n'outrametade.

Qualquer Estabelecimento do Governo para facilitar provisoriamente o bom andamento da Colonia não carece de um terreno de Cultura immediata muito dispendioso, quando o de um particular delle o faz uma condição para o seu porvir.

Duas pessoas no mesmo pequeno terreno se seriam reciprocamente nocivas frustando alternadamente os interesses particulares e geraes. V^a. Ex^a. fara que melhor intender.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illmo. e Exmo. Snr. Capitão Tenente Pedro Leitão da Cunha
Dm°. Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

A continuidade desta Revista somente
será possível com a ajuda de todos os
brusquenses.

Número 14 — Ano IV — Tiragem de
— 500 exemplares —

Colaboração financeira integral de

BUETTNER S. A.

**Mesa - Copa - Banho
Decoração**

Av. Cônsul Carlos Renaux - BRUSQUE



BUETTNER S.A.

MESA COPA BANHO DECORAÇÃO

Compre a preço de fábrica na

LOJA BUETTNER

AV. CONSUL C. RENAUX • BRUSQUE - SC